

**A RESPOSTA NÃO CHEGOU: QUANDO A VIOLÊNCIA ATRAVESSA
A ESCRITA. REFLEXÕES SOBRE A POTENCIALIDADE CRIATIVA
DA VIOLÊNCIA E DA SALA DE AULA**

Ihan Pedro Silva de Souza¹
Laura de Oliveira Sangiovanni²

RESUMO

O fio condutor deste trabalho será o esforço de responder à questão “Como escrever sobre violência?”. Compreendendo as complexidades não apenas teóricas, mas, sobretudo, ontológicas de violência, me baseio na abertura oferecida pela Antropologia para pensar possibilidades outras de compreensão. O trabalho gira em torno das experiências – minhas e de outros – vividas como docente em formação no ensino básico, que me fizeram reorientar a escrita. Apresentarei de forma mais ou menos encadeada os episódios que mais profundamente me marcaram na relação direta com as pessoas estudantes com quem aprendo-ensino, o referencial teórico oferecido pela academia sobre violência, colonialidade e escolarização, pelo qual me baseio e reoriento e, sobretudo, a forma como dialogam esses mundos. É também um escrito que se propõe mais subjetivo, considerando atravessamento e potencialidade criativa.

Palavras-chave: violência; colonialidade; ensino básico; potencialidade.

INTRODUÇÃO: *como escrever?*

*“Quando eu morder / a palavra, / por favor, /
não me apressem, / quero mascar, / rasgar entre
os dentes, / a pele, os ossos, o tutano / do verbo, /
para assim versejar / o âmago das coisas. [...]”³*

O fio condutor deste ensaio será o esforço de responder a uma pergunta que me inquieta desde o momento em que foi apresentada como mote central do curso de Antropologia da Violência – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA. *Como escrever sobre violência?* O que a priori aparenta ser uma simples retórica motivadora revela-se profundamente imersa em complexidades não apenas teóricas, mas, sobretudo, ontológicas. De fato, a polissemia do termo *violência* não se limita às discussões teóricas e conceituais; o que se revela pela bibliografia oferecida e por discussões interdisciplinares nas aulas é que as noções

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela mesma instituição, atuando no subprojeto Interdisciplinar de História e Ciências Sociais, ihan.pedro@ufba.br.

² Coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar de História e Ciências Sociais do PIBID/UFBA; Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), laura.oliveira@ufba.br.

³ Trecho do poema “Da calma e do Silêncio”, presente no livro *Poemas da recordação e outros movimentos/* Conceição Evaristo. – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

de violência estão em constante disputa na ordem do ontológico. Ora, como escrever sobre um tema que parece já esgotado? É verdade que diversas são as produções que se debruçam sobre questões ditas violentas: da literatura à documentação historiográfica, conflitos estão sempre presentes na escrita humana. A chave aqui é compreender como a Antropologia oferece a possibilidade de pensar compreensões outras para a *violência* e, considerando a potencialidade infinita de relações de alteridade, também infinitas são as possibilidades de compreensão.

Tratando-se de realidades humanas complexas e múltiplas, o diferencial da Antropologia é trabalhar, pela etnografia, com a *experiência*: registrada e sobreposta às teorias prévias, mas sempre aberta às possibilidades outras dessa experiência. Aqui eu memoro o que Alcida Ramos (2019)⁴ defende como a necessidade da antropologia se valer do “*serendipity*”: a fagulha de ousadia e curiosidade que nos permite a reinvenção em campo; a capacidade de olhar para o fato inesperado e dele extrair um elemento crucial para a pesquisa; a flexibilidade que é mesmo inerente à diferença, mas que carece de exercício no fazer antropológico. *Como escrever sobre violência?* Não pretendo apresentar uma resposta universal, e nem poderia. Mas, quanto a mim, reitero que a pergunta muito me inquietou; sobretudo na construção deste ensaio. A resposta mais nítida no momento já foi, outrora, dada por Ramos: escreverei me valendo de *serendipity*.

Não pretendia, admito, organizar este texto da forma como o apresento. Forço-me, contudo, a olhar ousadamente para o cotidiano. Enquanto docente em formação, estou em contato direto com uma realidade diversa à Universidade: o ensino básico. Acompanhando – com um grupo interdisciplinar de *peessoas licenciandas*⁵ em História e Ciências Sociais – as turmas de sociologia de uma escola pública de bairro periférico em Salvador, cujo corpo discente é composto por adolescentes, frequentemente sou confrontado pelas narrativas dessas pessoas estudantes. Na sala de aula, diversos mundos se encontram, tendo em comum não mais que as marcas de um violento processo de socialização homogeneizador. Não raras são as vezes em que a aula precisa ser reinventada e gira em torno de um evento imprevisto. Ora, também os professores precisam ter um pouco de *serendipity*.

⁴ Ver: RAMOS, Alcida. Metodologias: Nem contra, nem a favor, muito pelo contrário. Cuadernos de Antropología Social, n. 50, 2019.

⁵ “Pessoas licenciandas” aqui aparece não como conceito, mas como marcador de escrita. Em nosso núcleo do PIBID, buscamos cotidianamente formas de referência que fujam à noção binária de gênero. O termo pessoas aparece então como marcador político de linguagem não binária possível nas relações interpessoal e docente-estudante.

De tanto presenciar – e mesmo protagonizar – essas bruscas mudanças em contato com estudantes, não é surpresa constatar que o faria também na minha escrita acadêmica. Meu primeiro impulso ao pensar em como escrever um trabalho final sobre violência foi o de relacionar o tema ao projeto de trabalho que já desenvolvo no Programa de Iniciação à Docência: pensar arte/linguagem, a partir da música, como construtoras de identidades nas adolescências. A violência entraria nos mecanismos destrutores dessas identidades: o processo de *escolarização* ocidental, a violência estatal e a forte presença da colonialidade em espaços periféricos. Mas, como escrever sobre violência sem reproduzi-la? E, ainda mais urgente, como escrever sobre violência sem que ela me afete? O que percebo é a impossibilidade de estar imerso em ambientes violentos, percebendo noções diversas sobre violência e, ainda assim, não ser atravessado por ela.

Este ensaio gira em torno das experiências – minhas e de outros – vividas no ensino básico, que me fizeram reorientar a escrita. É menos um esforço de caráter propositivo e mais um diálogo reflexivo entre noções de violência. Apresentarei de forma mais ou menos encadeada os episódios que mais profundamente me marcaram na relação direta com as pessoas estudantes com quem aprendo-ensino, o referencial teórico oferecido pela bibliografia do curso, pelo qual me baseio e reoriento e, sobretudo, a forma como dialogam esses mundos; a aproximação que busco parte do tentar responder *como escrever sobre violência*. É, também, um trabalho que se faz no processo mesmo de escrita; não cairei, tanto quanto puder evitar, no ímpeto academicista de reprimir o que a escrita me impele a escrever. Quero dizer que haverá de existir um modo em que meus pensamentos – e sentimentos, aquilo se habitua chamar de subjetividade – não sejam suprimidos em razão do rigor objetivo da ciência colonial. Como Conceição Evaristo, que abre esse texto, também eu “*quero mascar, / rasgar entre os dentes, / a pele, os ossos, o tutano / do verbo,*”.

A ÚLTIMA PERGUNTA: quando o dia começa?

“[...] Quando meu olhar/ se perder no nada, /por favor, / não me despertem, / quero reter, / no adentro da íris, / a menor sombra, / do ínfimo movimento. [...]”

Logo na primeira aula de uma manhã como as outras que acompanho, numa agitação paradoxalmente sonolenta do começo do dia, a turma de cerca de 20 estudantes se organizava para o início da aula. Na penúltima carteira da segunda fileira do lado esquerdo da sala – para

minha perspectiva de frente, o direito – estava sentada *Jasmim*⁶. A chegada da professora nas aulas de sociologia costuma causar inquietação nas turmas, sobretudo quando acompanhada do grupo de pessoas licenciandas – do qual faço parte. Com a cabeça ainda pouco focada, segurando uma pequena xícara de café, passo o olhar pela turma; àquela época já conhecia todas as turmas de sociologia, bem como já tinha criado um vínculo saudável professor-estudante com boa parte das pessoas adolescentes; Jasmim inclusa. Debruçada sobre o caderno, alternava entre o olhar perdido em pensamentos e a escrita empolgada, como quem consegue extrair do plano ideal a palavra que precisava. Eu já imaginava não se tratar de nenhuma atividade da disciplina, pelas conversas que tive com ela em outros dias. Por isso mesmo não a repreendi quando, concentrado em algum outro aspecto da aula já em vias de iniciar, Jasmim chama minha atenção com dois toques no ombro. O caderno abraçado ao peito, o olhar de quem espera. Pergunto:

“Oi! O que houve?”
– Me diz uma frase?
“Han?”
– É que eu tô’ escrevendo outra música.
“Ah, sim! E sobre o que é?”
– Não sei ainda, mas acho que sobre começar o dia.
“Bom, meu dia só começa depois do café.”

Aqui cabe uma breve contextualização. Retomo o que apresentei como “primeiro impulso” de escrever este trabalho, relacionar violência ao projeto que já desenvolvo no Programa de Iniciação à Docência: pensar arte/linguagem, a partir da música, como construtoras de identidades nas adolescências. Jasmim aparece como uma interlocutora e motivadora ideal para meu projeto de trabalho desde o primeiro contato, quando me diz gostar de música e ser compositora. Conversamos sobre construção de letras e como cantar (me) ajuda na composição.

A última frase do diálogo eu disse levantando a xícara de café. Soube que aquela não foi a melhor frase para a música pela expressão de leve desapontamento que Jasmim demonstrou; mas, rapidamente, uma outra expressão tomou conta do seu rosto: algo como vislumbre de *possibilidades*. Agradeceu e voltou a sentar, novamente debruçada sobre o caderno. Passado um tempo da aula, me aproximei da carteira e questionei se poderia ler o que ela já tinha escrito; recebendo uma confirmação, assim o fiz. Conversamos ainda um pouco mais sobre a letra; coisas que ela queria melhorar:

⁶ Nome fictício.

- Não tô gostando dessa parte aqui
“Essa antes do final?”
- Isso, queria que fosse diferente
“Saquei. O nome disso é ponte, sabia?”
- Oxe, ponte? Que massa [risos]
“Pois é, a parte logo antes do último refrão.”
- E como é que faz essa ponte, então?
“Agora não dá mais pra explicar, mas na próxima aula eu respondo.”

[17/6 19:17] **superv PIBID:** Gente desculpa dar uma notícia p vcs mas, achei melhor q soubessem
[17/6 19:17] **superv PIBID:** Lembram de *Jasmim*, 1m6 Ela falou com Ihan uma vez q escrevia músicas
[17/6 19:18] **superv PIBID:** Foi assassinada por representantes do tráfico q eram rivais aos da rua em que ela morava

[18/6 08:43] **ihã pedro:** meu deus meu deus meu deus
[18/6 08:44] **ihã pedro:** eu não sei nem como processar
[18/6 08:44] **ihã pedro:** só sei chorar⁷

Como escrever sobre violência? Uma pergunta que pode ser reformulada: *Como escrever?* Quando se perde os sentidos ao ser atravessado pela dor violenta da perda, como escrever? Como pensar sobre escrever um trabalho final sobre a potencialidade da arte na adolescência, quando a possibilidade materializada em *Jasmim* é arrancada? A resposta ainda não chegou; assim como não chegou a próxima aula, onde eu responderia a *Jasmim* como construir pontes. Suspeito que, novamente, a resposta traria algum desapontamento, seguido do vislumbre esperançoso de possibilidades.

RETORNO AOS SABEDORES: o que dizem os teóricos

A alternativa que encontrei para dar conta de escrever foi, como em sala de aula, me reinventar. Não mais desviar minha atenção da morte de *Jasmim* para tentar escrever, mas abraçar à dor do atravessamento e torná-la o construto da escrita. Estou então diante de um problema de trabalho concreto: como não banalizar a morte, tornando-a mera transcrição e objeto de análise acadêmica? Como evitar que a dor me obscureça a ponto de não conseguir falar de outra coisa que não dor? Parece-me um dos dilemas já batidos da antropologia: seria a pessoa cientista capaz de retirar a nuvem de subjetividade encontrada em campo e focar na objetividade da pesquisa? Jacques Gutwirth, no artigo⁸ em que discute o valor científico da disciplina antropológica, defende que a etnografia – sobretudo a técnica de observação

⁷ Reprodução de mensagens do Whatsapp. Adaptado para preservar o nome da estudante e da professora.

⁸ GUTWIRTH, Jacques. A etnologia, ciência ou literatura?. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, p. 223-239, 2001.

participante – possibilita a retroalimentação da pesquisa pela capacidade dialética que oferece ao transitar entre o subjetivo e objetivo.

A leitura subjetiva e objetiva que ela permite, será tanto mais útil na medida em que houver no sujeito pesquisador consciência e vontade de objetivação científica. Em outras palavras, será útil na medida em que este sujeito, apesar das perturbações psicológicas e outras que esta técnica de pesquisa supõe, não esquecer de seu objetivo de investigação e procurar, à tarde ou à noite, na intimidade de sua residência, registrar, de forma tão sistemática quanto possível, as informações adquiridas. (Gutwirth, 2001, p. 230)

A minha participação como docente em formação nas aulas do ensino médio não é orientada por/para ser pesquisa etnográfica, é fato. Entretanto, as ferramentas que a etnografia oferece – observação participante, descrição sistemática, registros em diário – são utilizadas pelas pessoas bolsistas licenciandas pela capacidade de potencializar o processo de formação docente. Assim, encontro similaridades fundamentais entre o que recomenda Gutwirth à pessoa antropóloga em campo e o que deve fazer a licencianda em sala de aula: ao ser atravessada pelas experiências de forte imersão, que seja capaz de retornar ao objetivo a partir das técnicas de análise posteriores. De fato, por mais que a dor aparente me obscurecer no momento de forte imersão, a escrita com/sobre ela jamais será apenas dor, uma vez que uma série de encadeamentos lógicos já foram feitos desde o momento em que se decide escrever sobre a dor. Agora, só é possível identificar esses encadeamentos lógicos se pensados à luz de base teórica prévia – somada aos dados provenientes da experiência. É certo que escrever sobre violência me afeta diretamente no campo subjetivo; a fim de manter o equilíbrio epistemológico que busca a ciência, volto aos “sabedores” do tema. O que dizem os teóricos sobre *violência*?

O QUE É VIOLÊNCIA: noções em disputa

É a Michel Misse que recorro ao afirmar que a “violência” possui sentidos em disputa. Em seu artigo “Violência e teoria social”, de 2016, o autor é claro ao demarcar violência como uma palavra “moderna”; a polissemia que hoje apresenta começa a ser construída a partir do século XX, uma vez que o significado anterior não dá conta das questões que hoje são levantadas ao pensar violência. Misse faz uma revisão concisa da bibliografia e das construções conceituais, que não cabe a este ensaio aprofundar. O que nos interessa é entender como pensar violência para além da ordem normativa e como entendê-la sobre diferentes perspectivas; a síntese que melhor nos atende é feita por Misse ao dialogar com Willem Schinkel (2010):

Após examinar com cuidadosa erudição e embasamento teórico o conjunto de problemas que a construção de um conceito de violência impõe à teoria social, Schinkel propõe-se a oferecer uma alternativa. Primeiramente, defende que a

violência, como o pato/lebre de Wittgenstein, não tem uma única dimensão, mas várias. Esses vários aspectos ou formas da violência ocultam-se mutuamente; quando um emerge, os outros se escondem, e não é possível ver todos os aspectos da violência ao mesmo tempo. Por isso, propõe o conceito de *trias violentia* para abordar aquilo que ele vê como sendo o único horizonte ontológico comum a todos esses aspectos: a violência como *redução do ser*. (Misse, 2016, p.59)

O que nos diz Schinkel – a partir de Misse – é que a violência é multidimensional e complexa. Pode se manifestar na ordem da agressão física ou psíquica, do ordenamento jurídico estatal, da guerra. No plano ontológico, do que diz respeito ao que se é, todos esses aspectos se resumem à *redução do ser*. E é evidente que, sendo diversas as ontologias possíveis de se conhecer, também diversas são as noções de *ser* e como ele pode ser reduzido. A violência que eu experimento no ambiente acadêmico não é a mesma que a pessoa estudante de ensino médio experimenta na escola pública de ensino básico, embora façam parte de um sistema maior em comum que encadeia diversas manifestações de violência estatal – em específico, a escolarização. E mais, a forma como eu compreendo essas violências não será jamais a forma como essa pessoa estudante o faz; somos mundos diferentes, ainda que coabitando os mesmos espaços em determinados momentos.

Tentar encontrar uma noção universal para violência é desconsiderar a multiplicidade de mundos possíveis e reduzi-los à interpretação de um único saber. Também a forma como escrevemos, as opções conceituais que fazemos e a linguagem que adotamos na academia têm poder de performar violência ao *reduzir o ser* do grupo com o qual pesquisamos a meros informantes. Levar o outro a sério⁹ é o trabalho da pessoa antropóloga – e de toda pessoa cientista, arrisco dizer – ao escrever sobre esse outro. É, em outras palavras, o que Misse quer dizer ao não firmar um conceito universal de violência:

Em uma linha que pode encontrar afinidade com as questões de Willem Schinkel, tenho sustentado não um conceito de violência, que acho que não será, de qualquer modo, muito útil para a pesquisa empírica, mas o reconhecimento do caráter mais performático que constativo dos usos que dela são feitos. Prefiro insistir no conceito de “acumulação social da violência” por meio do qual a violência, sem deixar de ser uma representação social, comparece em seu triplo sentido de práticas representadas e acusadas como de violência interpessoal, de violência estatal e de coercitividade da estrutura social[...] (Misse, 2016, p. 60)

Optar por incluir na minha escrita a dor da perda do vínculo construído com Jasmim é fazer valer a pena esse vínculo; levar a sério o que aprendi com ela. E compreender o fenômeno da morte menos como constativo, mas como resultado performático de “acumulação social da violência” (MISSE, 2016), é devolver à Jasmim a complexidade e agência que a ela pertencem.

⁹ Como recomenda Tim Ingold (2019).

É compreendê-la como um mundo em si mesmo que se insere numa realidade de choque com outros mundos; que pensava Jasmim sobre violência? A morte enquanto destruição do corpo físico dá conta de resumir todos os processos violentos de um mundo? Não somente morre o corpo físico individual, mas os vínculos de parentesco são afetados, a relação com colegas adolescentes é interrompida, a produção intelectual e artística é interrompida. Jasmim, como todos os outros mundos, já nasce e se insere num campo de guerra. A violência é potencialmente destrutora quando operada sob a lógica do acúmulo social; mas também é potencialmente criativa na medida em que reorienta a forma como mundos se constroem.

QUAIS VIOLÊNCIAS SÃO PERMITIDAS: a lógica colonial

*A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave¹⁰*

Quando, no início do ensaio, afirmo que a sala de aula é um espaço de coabitação de diversos mundos homogeneizados por processos similares de violência, quero dizer que para além da multiplicidade de existências que cada pessoa carrega individualmente, existe o exercício contínuo de transformação de corpos diferentes em uma massa singularizada. Os marcadores em comum entre as pessoas estudantes, professoras e demais funcionárias de uma escola são, notadamente, os que se referem ao processo de *escolarização* imposto pelo capitalismo de ordem colonial – como se apresenta no Brasil. A violência colonial é a que atravessa as existências dessas pessoas; percebida na ordem da cognição e do afetivo de formas diferentes, porque plurais, mas conservando traços de homogeneização. Cabe aqui uma distinção entre a violência do mundo colonial por excelência, onde o processo de colonização não se findou, e a violência do mundo que experimenta a colonização de modo contínuo, onde ela se apresenta como findada.

Em “Os condenados da terra”, Frantz Fanon [1961]/(1968) apresenta o colonialismo como a violência em estado bruto, que só pode inclinar-se diante de uma violência ainda maior. O mundo colonial é um mundo maniqueísta, compartimentado por natureza: existe o colono e o colonizado. O colono é a representação da violência do senhor, o subjugado é a coisa desumanizada forjada pelo colono na e pela violência. A violência é tudo que se conhece, é a práxis absoluta do colonizado: ele sonha em ocupar o lugar do colono. É interessante pensar que mesmo nesse mundo dividido em dois, existe uma violência que é válida e outra que deve ser suplantada. A violência válida é aplicada ao colonizado, nos castigos, na exploração do serviço,

¹⁰ Trecho da canção “Ismália”, do cantor Emicida, com participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro. Faixa compõe o álbum “AmarElo” lançado em 2019.

na destruição de tudo aquilo que remeta à vida pré-colonial. O colonizado é tão imbuído de violência que extravasa em conflitos outros que não direcionados ao colono; a violência só é condenada quando se volta ao espaço do senhor.

O que Fanon (1968) nos apresenta, a partir do processo de descolonização na Argélia, é a forma como o colonialismo naturaliza e fomenta a violência. Uma violência tamanha que transforma o colonizado em não-ser. Retira a noção de humano – a que já pertencia aos habitantes da terra colonizada – negligenciando a memória. Não há, a meu ver, maior noção de “redução do ser” que a construída pela lógica colonial. Nos mundos que foram tocados pelo colonialismo, todas as violências se não nascem dele são potencializadas por ele. É o caso do Brasil, que não passa por um processo de descolonização como o da Argélia. O Brasil deixa de ser colônia para se pretender Nação Civilizada – e civilizadora. O processo colonial acontece ainda hoje no Brasil de forma mais direta no genocídio de povos indígenas, na invasão e destruição de territórios; na guerra racial de alta intensidade – como definiu Fred Aganju (2020) – que persegue, encarcera e mata a população negra, seja através de forças estatais diretas como as polícias, seja fomentando a violência lateral: que se matem uns aos outros.

Há ainda uma ordem de violência colonial que se dá menos notadamente. Na construção do Estado-Nação, toda ação civilizadora no Brasil é atravessada pela *colonialidade*. Aqui referencio o autor, fruto e fundador da corrente epistemológica decolonial¹¹: o peruano Aníbal Quijano. É de sua autoria o conceito de *colonialidade do poder*, onde vai demarcar os resquícios do processo colonial na forma como o poder se estrutura e organiza em sociedades marcadas por esse processo violento. Quijano oferece aos seus colegas maneiras de pensar também a colonialidade do *saber* e do *ser* (BALESTRIN, 2013), demarcando exatamente a lógica colonial na circulação e produção de conhecimentos e identidades outras. Todos esses conceitos têm em comum as práticas discursivas (noção foucaultiana) caracterizadas pela marcação colonial, ou seja, produzem a exploração, violência e marginalidade próprios do colonialismo.

É a colonialidade que atravessa o processo de civilização no Brasil, através dos dispositivos de controle do poder-saber como a escolarização. Padronizando a forma como se produz conhecimento, o Estado toma pra si a possibilidade do poder-saber ao mesmo tempo que submete os “cidadãos” a um estado de violência e autodisciplina constantes. Nesse estado de alerta, mesmo os sonhos são tolhidos do imaginário.

¹¹ Circunscrita por Luciana Balestrin em “América Latina e o giro decolonial” (2013).

Quando da possibilidade de construir outros sonhos, há sempre a latente violência também colonial que a destrói. Jasmim certamente sonhava com muitas coisas. Não apenas a violência letal arrancou a possibilidade de sonhar, mas antes dela o processo de escolarização já era pensado para tanto. Sobre o tema, a professora Cynthia Veiga oferece uma excelente leitura em “A escolarização como projeto de civilização” (2002). Nesse artigo a autora explicita como a escolarização do ensino é uma perspectiva do Estado de incluir no processo civilizatório – já dado para as elites – a massa de pobres da população. Dessa forma,

[...] o processo civilizatório pressupôs a homogeneização das relações sociais que, ao mesmo tempo, somente se estabeleceram como homogênicas por pressuporem uma diferenciação. Concretamente, nesse sentido a escola estrutura-se como prática social com base no dispositivo escolarização; é produtora e reprodutora de formas sociais, da socialização, expressa na difusão da cultura escrita, do saber científico, e na produção dos talentos e da individualização. (Veiga, 2002, p. 100)

A professora Veiga se aproxima muito do que entendemos como colonialidade, na medida em que identifica as marcas da estrutura colonial escravocrata do Brasil na escolarização. A homogeneização que ela aponta, e que a escola reproduz, é sentida concretamente pelas pessoas estudantes que acompanho nas aulas de sociologia. É nítido como elas são tolhidas e docilizadas em todos os espaços. Não lhes é permitido sonhar: com outras formas de falar, de se deslocar em sala, de responder, de se mexer. Não é viável que discordem das pessoas professoras, que opinem sobre metodologias, que conceituem seu próprio mundo. Exceto, afirmo, nas horas-aula de sociologia, que são construídas de modo a possibilitar a compreensão de si e do outro, e da relação entre o eu e o outro. É comum, como mencionei, que a chegada das pessoas professoras – a regente e as licenciandas – cause inquietação; se, durante a colonização “o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã” (FANON, 1968), é no espaço proporcionado por uma prática de ensino emancipatória que é possível sonhar, falar, se mover. E compor, como Jasmim. Sobre sonhos, Veiga vislumbrou, a partir dos escritos de Italo Calvino (1993), uma virtude possível:

A capacidade de elaborar imagens, de produzir pensamentos, refere-se à imaginação, ao sonho, à fantasia. Os processos escolarizados disseminaram a prática de produzir e transmitir modelos por intermédio de determinadas imagens que traduziram padrões de comportamento, valores e hábitos, sem dar-se conta de que há outra, aquela imaginada pelos alunos. Na prática unilateral dessa relação instalou-se a obscuridade. Portanto, preservar a visibilidade é não pôr em risco uma capacidade humana fundamental: a de imaginar, criar fantasias, transgredir – tornar visíveis os nossos sonhos. (Veiga, 2002, p. 102)

SERENDIPITY COTIDIANO: potencialidade criativa da violência

*“Quando meus pés / abrandarem na marcha, /
por favor, / não me forcem. / Caminhar para
quê? / Deixem-me quedar, / deixem-me quieta, /
na aparente inércia. / Nem todo viandante / anda
estradas, / há mundos submersos, / que só o
silêncio / da poesia penetra.”¹²*

A discussão sobre colonialidade é interessante para se pensar como é impossível existir num mundo marcado por ela sem que haja violência. *Como escrever sobre violência?* Iniciei minha escrita apontando como a violência me atravessa e interfere a forma como produzo: um trabalho completamente repensado a partir de um evento em que a violência atinge o ápice – a morte do corpo. A violência colonial faz parte da existência enquanto indivíduos e coletivo; entretanto, ela parece nos atravessar mais intensamente sob a lógica performática, como Misse apontou. Morte materializada, a dor da perda, a urgência do perigo: envoltos em como performamos a violência. A capacidade destrutiva da violência é muito mais facilmente percebida nessas performances; o que se mantém oculta é a potencialidade criativa. Ora, Fanon (1968) afirma muito certamente que a violência só pode ser transposta por outra, maior e mais forte: o colonizado liberta-se na e pela violência. Essa noção de *contraviolência* guarda um imenso poder de criação; poder aqui como potencial, daquilo que se *vislumbra possibilidades*. O potencial de mudar rapidamente uma expressão de desapontamento – com uma frase sobre café, por exemplo – para o de possibilidades outras é violentamente criativo.

Munidas da potencialidade criativa que viver em – e se chocar com – mundos violentos proporciona, as pessoas estudantes com quem eu convivo me mostram na prática o que a teoria aponta, mas nem sempre dá conta de responder. Dada a impossibilidade de não experimentarem violência, se reinventam cotidianamente e contra-atacam quase que instintivamente: criando redes de apoio, grafitando, desenhando, se movimentando, cantando, compondo. Sobre seus mundos; e sobre violência. *Como escrever sobre violência?* Se essa pergunta fosse lançada a essas pessoas estudantes, talvez a resposta não chegasse, como não chegou por mim a resposta sobre como construir pontes, que Jasmim tanto queria ouvir e eu tanto queria entregar. Mas, certamente, seria possível vislumbrar possibilidades outras, no milésimo de segundo que se leva pra acessar o *serendipity* cotidiano em seus mundos. E, finalmente, apenas escreveriam.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-117, 2013.

¹² Conceição Evaristo.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio De Janeiro Malé, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 [1961].

FERREIRA, Fred. **MAAFA: POLITICAS DE MORTE NO CONTEXTO DA GUERRA RACIAL DE ALTA INTENSIDADE NA BAHIA CONTEMPORÂNEA**. Tese de Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos apresentada na Universidade Federal da Bahia. 2020.

GUTWIRTH, Jacques. A etnologia, ciência ou literatura?. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, p. 223-239, 2001.

INGOLD, Tim. Sobre levar os outros a sério. In: **Antropologia: para que serve?**. Editora Vozes, 2019.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.

MOREIRA, Vinicius L.; SAMAM, Renan; EMICIDA. Ismália part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro In: EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Contextualizaciones latinoamericanas, v.2, n.5, 2015.

_____. **Colonialidad y Modernidad-racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

RAMOS, Alcida. Metodologias: Nem contra, nem a favor, muito pelo contrário. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 50, 2019.

SCHINKEL, Willem. **Aspects of violence: A critical theory**. Springer, 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 90-103, 2002.